

Eixo Temático 11: Paulo Freire: Educação, Saúde e Direitos Humanos.

Eixo Temático 13: Paulo Freire: Memória, Registro, Patrimônio e Acervos.

Sala: 1

Mediador/a: Ana Lúcia Souza de Freitas (Unipampa) e Camilo Darsie (UNISC).

Destinatário: Ao XXIII Fórum Paulo Freire

BONITEZAS E RESISTÊNCIAS

Somos humanos porque aprendemos a andar. Somos humanos porque aprendemos a pendular entre um “estar aqui” e um contínuo “partir”, “ir para”. Entre os que andam, viajam e vagam, há os que se deslocam porque querem (os viajantes, os turistas), os que se deslocam porque creem (os peregrinos, romeiros), os que se deslocam porque precisam (os migrantes da fome, os exilados) e há os que se deslocam porque devem (os “engajados” – para usar uma palavra cara aos dos anos 1960 – os “comprometidos com o outro, com uma causa”) (BRANDÃO, 2018, p. 44).

Caros amigos e amigas do Fórum, nesta manhã fria de sexta-feira (20 de maio de 2022) reunimo-nos via vídeo chamada para mais um debate entre eixos temáticos (eixo 11 - PAULO FREIRE: Educação, Saúde e Direitos Humanos e do eixo 13- PAULO FREIRE: Memória, Registro, Patrimônio e Acervos) participantes do XXIII FÓRUM DE ESTUDOS: Leituras de Paulo Freire. Nossa sala foi mediada pelo professor Camilo Darsie de Souza. Foi-nos proposto a criação de uma síntese dos debates e aprendizados, optamos então por apresentar-lhes esta Carta Pedagógica. Uma experiência diferente e gratificante foi a produção da mesma virtualmente e por muitas mãos ao mesmo tempo, daí as diferentes linguagens utilizadas no texto.

Debatemos sobre a importância da educação, de como os professores deveriam ser mais valorizados pelo seu papel fundamental que é ensinar e educar, como o grande papel do educador Paulo Freire na evolução da educação, no respeito e valorização da mesma. Além disso, foi debatido como a pandemia afetou a todo mundo, falando em especial sobre os

professores/educadores e mulheres negras, mulheres da periferia e chefes de família, ambos por nem todos possuem acesso a internet e tecnologias, tendo que procurar uma forma de ensinar e aprender conforme as necessidades impostas pela pandemia, prover o sustento e proteção de suas famílias. Debates também sobre a importância dos alimentos, da comida e de como ela tem grande influência conforme a cultura de cada localidade e sociedade. Com todos os temas debatidos, pudemos abrir ainda mais nossa mente para pensar no próximo, na importância de cada um, a importância da educação e a grande influência de Paulo Freire.

Tivemos a apresentação de quatro trabalhos que nos fizeram pensar e repensar a importância de Paulo Freire numa Educação tão permeada de humanidade, tão cheia de realidade. Um turbilhão de pensamentos acabaram acrescentando novidades e conexões que tornaram esse encontro algo muito construtivo, com o acréscimo de novas palavras e definições, nos permitindo cruzar diferentes áreas e níveis de saber.

Palavras como andarilhar, boniteza e experiênci-ação dos verbetes de Paulo Freire foram definidos pela professora Ana Lúcia Souza de Freitas.

Podemos falar também da heterogeneidade de áreas de formação compartilhando unidos o mesmo ideal de Freire onde a humanidade seja colocada em prática, nesta realidade tão desprovida de empatia.

Muito diversificada, nossa sala contou com diferentes experiências e perfis entre os apresentadores e os ouvintes-participantes, contando com um grande número de estudantes do curso de medicina.

Uma das estudantes dissertou que “como estudante de medicina do primeiro semestre, acredito que as apresentações tenham sido muito produtivas para meu futuro profissional. Dentre as palavras-chave citadas, destaco o conceito de epistemologia da memória e da alimentação, surgido a partir da fala da pesquisadora Alini Luza. O entendimento dessa ideia contribui para a comunicação e o acesso médico-paciente, uma vez que a qualidade e a competência do profissional de saúde não depende apenas de compreensão científica, mas também da habilidade de saber comunicar e orientar a partir de

diferentes culturas e vivências. Para mim, é importante saber, por exemplo, que a recomendação de uma alimentação mais restritiva a um paciente ou uma dieta diferente do que ele está acostumado nem sempre será efetiva se eu não tiver o conhecimento do contexto sociocultural em que o indivíduo está inserido. Desse modo, a epistemologia, por tentar descobrir como o conhecimento é adquirido pelas pessoas a partir dos princípios da crença, verdade e justificativa, auxilia a atuação do médico.”

Entre as apresentações, um dos temas trazidos foi a relação entre educação, trabalho e alimentação, vistos por uma ótica freireana. Produzido por integrantes do Projeto de Pesquisa: “Educação, Trabalho e Alimentação: Saberes, Práticas e Políticas em espaços não escolares” apresentado pela integrante Alini Luza Moraes. Neste trabalho foi demonstrado a questão da educação explorando a alimentação demonstrando a questão via práxis como a educação proposta por Freire.

Ainda, Alini desencadeou um pensamento antropológico, já que demonstrou a culturalização do alimento, verificando que ultrapassamos o ser biológico para nos tornarmos sociais. De maneira interligada, vê-se que, embora a comida seja essencial para a manutenção e dignidade da vida, nem todos têm esse acesso, como, por exemplo, as mulheres evidenciadas anteriormente, que lutam pelo alimento básico diário.

Das apresentações/inspirações destacamos, também, a fala do Emerson Silveira Teixeira, ao trazer em sua fala a reflexão sobre a saúde e sobre políticas públicas na formação continuada de professores em sala de aula. Seu tema relacionou-se totalmente com a fala da Edivânia Rodrigues da Silva, educadora popular, quando nos traz a “denúncia” da realidade de mulheres negras durante o período pandêmico. Nos fez refletir sobre o cuidar e a necessidade de voltarmos, também, o olhar para os cuidadores, professores e mães. O fato de acentuar que há, sim, diferentes contextos em que mulheres estão inseridas e que a pandemia não foi a mesma para todas, nos faz, como futuros profissionais, criarmos o altruísmo de provocar mudanças nessa realidade.

Com efeito de avanço social na Academia, a fala da Edivânia foi de extrema relevância em anunciar e denunciar, conforme visão do patrono da

educação brasileira, Paulo Freire, o descaso governamental e gregário em relação a mulheres periféricas durante a pandemia de Covid-19 no Brasil. A fala causa desconforto geral, entretanto num sentido positivo, tendo em vista que clama por mudança social, pois demonstra que, diferentemente do enunciado pela mídia, os cidadãos não se tornaram mais empáticos, e sim demonstraram, mais ainda, o egocentrismo neoliberal. Edivânia causa inquietação importante e necessária, pois aumenta a sede por mais crítica política.

O trabalho foi carregado com a realidade da mulher que não tinha condições de sustentar a família em tempos de pandemia, incluindo a questão da educação da família desta mulher, em que não também não tinha acesso a internet para a educação de seus filhos em idade escolar. O espaço da mulher durante a pandemia, direcionado especialmente para as minorias sociais, principalmente as mulheres que assumem o papel de líderes de família, as quais enfrentaram e ainda enfrentam muitos entraves relacionadas à exposição aos riscos da covid-19 da exposição em busca do sustento da sua família, uma vez ficar em casa não se tornou uma opção para essas pessoas e sim uma necessidade para que a sobrevivência se tornasse uma realidade.

A professora Ana Lúcia de Souza Freitas dividiu conosco sobre sua pesquisa sobre Cartas Pedagógicas, o que nos motivou nessa escrita.

Ainda durante nossos debates e “andarilhagens” foi-nos proposto pela professora Ana Lúcia de Souza Freitas que, mesmo que de forma remota, pudéssemos pensar e dividir saberes através de uma experiênci-AÇÃO de “pôr a mão na massa”. Uma produção de pães enquanto divisão de saberes e práticas, vindo ao encontro com nossos debates em sala virtual desta proveitosa manhã.

As diferentes áreas, principalmente das ciências humanas, têm insistido nas possibilidades que a alimentação oferece para uma melhor análise de dimensões educativas, culturais, simbólicas e sociais. O que nos traz alegria na possibilidade de dividir estes pensamentos com a área da saúde, nesse caso a medicina.

Com alegria que o nosso grupo encontrou para compartilhar saberes diversos, percebendo a riqueza que se constitui as pessoas. O quanto é

importante levarmos em conta o contexto e a realidade da pessoa. Numa dinâmica constante de aprender olhando a metáfora do andarilho/a que nos coloca em movimento constante enquanto mulheres trabalhadoras e moradoras de ocupações urbanas. No movimento de denúncia e anúncio pela vida, numa postura de esperar, visto que vivemos um momento difícil no Brasil.

Enfim, o diálogo exercido esta manhã fortaleceu a compreensão de que a partir das Leituras de Paulo Freire andarilhagens em diferentes frentes de luta se conectam e retroalimentam o esperar na experiência de cada dia. Freire presente, nas nossas práticas e no nosso fazer educação.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Andarilhagem. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). Dicionário Paulo Freire. – 4. ed. rev. amp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 44-45.

